



GUERRA QUE SÓ NOS TRAZ PAZ:

RUY

CAIXA CULTURAL REVÊ **QUASE SETE DÉCADAS DE UMA OBRA** QUE VAI DE 'OS CAFAJESTES' AO RECENTE 'A FÚRIA', **ENQUANTO O CINEASTA, AOS 95 ANOS,** CONTINUA **PRODUZINDO, LECIONANDO E EMOCIONANDO.** PÁGINAS 2 E 3

Divulgação



Ruy Guerra em ação: o cineasta avisa que pretende filmar até os 100 anos e depois dedicar-se somente à literatura

‘Decidi que vou viver até os 117 anos’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aos 95 anos, completados em 22 de agosto, Ruy Guerra ocupa uma posição quase sem paralelo no cinema mundial: é um dos realizadores de maior longevidade ainda em atividade e, mais do que isso, continua produtivo. Não vive apenas da administração de um patrimônio cinematográfico iniciado nos anos 1960. Ainda filma, escreve, pensa novos projetos e revê esteticamente o país que ajudou a colocar nas telas do Cinema Novo.

A partir desta terça-feira

(29), o tamanho dessa caminhada poderá ser medido na Caixa Cultural Rio de Janeiro, onde a “Retrospectiva Ruy Guerra – Uma Vida de Cinema” reúne 17 longas dirigidos por ele e dois documentários sobre sua trajetória, com entrada gratuita, até 16 de outubro. A seleção atravessa 62 anos, de “Os Cafajestes” (1962) a “A Fúria” (2024), seu trabalho mais recente.

Moçambicano de nascimento, formado em cinema em Paris e radicado no Brasil desde 1958, Ruy ajudou a construir o Cinema Novo ao lado de Glauber Rocha e Cacá Diegues. “Os Fuzis” (1964), seu segundo longa, conquistou o Urso de Prata em Berlim e tornou-se um dos pilares do movimento.



Divulgação

O cineasta com Gabriel García Márquez, de quem adaptou o conto ‘Erêndira’, para as telas



O jovem Paulo César Peró em 'Os Fuzis'

Cinemateca Brasileira



Divulgação

Com recursos na linha do Video Mapping, Ruy guerra retoma a cruzada justiceira de seu anti-herói Mário, agora vivido por Ricardo Blat



Divulgação

Cláudia Ohana estrelou 'Erêndira', lançado em 1983

Mas reduzir Guerra a essa geração seria contrariar a própria inquietação que o manteve filmando. Sua obra atravessou continentes, regimes políticos, transformações tecnológicas e linguagens, aproximando cinema, teatro, literatura, poesia e música. Foi parceiro de Chico Buarque, Edu Lobo, Francis Hime, Sérgio Ricardo e Milton Nascimento; adaptou Gabriel García Márquez, Antonio Callado e Chico; escreveu dramaturgia, poemas e crônicas.

É justamente essa multipli-

cidade que torna a retrospectiva mais do que uma coleção de clássicos. Estão lá “Os Cafajestes”, “Os Fuzis”, “Os Deuses e os Mortos”, “A Queda”, “Erêndira”, “Ópera do Malandro”, “Kuarup”, “Estorvo”, “O Veneno da Madrugada”, “Quase Memória” e “A Fúria”, entre outros. Uma das atrações mais raras é “Ternos Caçadores” (1969), produção francesa que volta em cópia restaurada em 4K. A programação inclui ainda “O Homem que Matou John Wayne” (2015), de Bruno

Laet e Diogo Oliveira, e “Tempo Ruy” (2021), de Adilson Mendes, dois documentários dedicados ao cineasta.

Faz tempo (ponha aí este século inteiro, desde 2000) que o cineasta se enfunou na metafísica que existe entre a plenitude da Matemática e as acelerações da Física. Foi parar lá quando idealizou “Estorvo”, pelo qual foi indicado (pela terceira vez) à Palma de Ouro, 26 anos atrás. Nesse espaço, ele vem caçando novas formas algébricas de falar de “amor” e de “sonho”. O primeiro substantivo é a argamassa de suas canções, como compositor. O segundo é o alicerce de todos os seus filmes, tanto aqueles fincados no realismo (como “Portugal S.A.” e “Kuarup”), quanto os mais flutuantes (o febril “Quase Memória”). É o indício de que sua dramaturgia tem vértices na geometria da abstração. Não por acaso, ele levou o Cavaleiro da Triste Figura (“Dom Quixote”) aos palcos duas vezes, em 2007 e em 2023.

Trabalho mais recente (e in-

candescente) do diretor, “A Fúria” se mantém... plasticamente, sobretudo... nessa linha de desafiar a concretude do real (e de seu par dramático, o realismo), assumindo um formato de fractal, entre a fábula e um encapsulamento teatral do plano. Colabora para isso o uso do video mapping (projeção de imagem em larga escala) a fim de construir cenários, reproduzindo geografias diversas. Lembra “Sin City” (2005), até certo ponto, só que de uma brasilidade latente, de colorido pulsante. Tal engenho, contudo, não cria ilusões. O lado brechtiano que Ruy carrega consigo convide a um perene distanciamento do que é ilusório, sobretudo da retórica partidária.

Por isso, sua razão de ser é política, o que dá ao seu roteiro um tom de charge e um ethos de alegoria moral. Conversa mais com um certo Pasolini dos anos 1960 e 70 (entre “Pocilga” e “Os Muros de Sana”) e com “O Inspetor Geral”, de Gogol, do que com os exercícios audiovisuais do presente. Carrega ainda um certo elogio ao tempo, ao rever (e reviver) o Cinema Novo, o movimento de modernização de nosso discurso estético (na tela grande) do qual Ruy foi um dos pilares.

Filmado no Polo do Audiovisual, em Jacarepaguá, “A Fúria” testemunha o empenho de Mário na peleja por um acerto de contas com dois poderosos que o traíram – e, de forma simbólica, deram uma rasteira no “sonho brasileiro”, a nossa maior ficção. Um deles é seu sogro, hoje um barão da construção civil, Salatiel (Lima Duarte, em estado de graça), bilionário que financia campanhas parlamentares. Um de seus apoiadores é o outro traidor: Feijó (Daniel Filho), candidato à presidência da Câmara dos Deputados. A atuação de Daniel é de um viço raro.

“A Fúria” fecha uma construção cinematográfica iniciada seis décadas antes. Mário apareceu em “Os Fuzis”, no sertão baiano, e voltou em “A Queda”, quando Ruy transportou a discussão sobre exploração para os canteiros de obras do Rio de Janeiro. O terceiro longa ressuscita literalmente o personagem, agora vivido por Ricardo Blat, para cobrar uma dívida histórica. O filme teve sua primeira exibição pública no Festival de Brasília de 2024 e chegou comercialmente aos cinemas brasileiros em abril deste ano.

A longevidade dessa trilogia talvez ofereça a melhor medida da longevidade artística de Guerra. Poucos cineastas podem reencontrar um personagem criado na juventude e fazê-lo regressar quando o próprio realizador se aproxima do centenário. Menos ainda conseguem transformar esse intervalo numa parte da dramaturgia. Em Ruy, o tempo não é somente aquilo que separa os

filmes: é matéria do cinema.

Antes mesmo de se tornar cineasta, Guerra quis ser escritor. A palavra permaneceu como uma espécie de segunda câmera de sua trajetória. Em “20 Navios”, livro que reúne crônicas originalmente escritas para O Estado de S. Paulo, memória, cotidiano, política e deslocamento aparecem atravessados pela experiência de um homem dividido — ou multiplicado — entre Moçambique, Portugal e Brasil.

Essa geografia afetiva já aparecia na poesia. Em “Meu País”, escrito em Moçambique em 1981, Guerra transforma a ideia de pátria em algo impossível de prender num mapa. Depois de procurar o país no vento, nas acácias, na mulher e na esperança, chega a um verso que parece sintetizar boa parte de seu cinema: “Na verdade eu só tenho como país essa insônia teimosa dentro de um sonho vivo.”

Duas décadas antes, já instalado no Rio, o poema “E Assim Sendo” (1960) misturava amor, boemia e cidade numa imagem que parece antecipar sua relação futura com o cinema brasileiro: “A nossa hora, a do leite de porta em porta e dos jornais ainda húmidos”. O poeta escreve sobre beijos que sobrevivem à separação dos corpos. O cineasta passaria a carreira inteira procurando imagens capazes de sobreviver ao desaparecimento do tempo.

Não surpreende que, no catálogo preparado para a retrospectiva, Ruy defina a palavra como centro de seu processo criativo. “Sempre tive uma paixão muito grande pela palavra. Queria ser escritor antes de ser cineasta”, conta ele ao curador Aristeu Araújo. Mesmo depois de quase sete décadas atrás das câmeras, garante continuar lendo o dicionário diariamente “como quem lê um romance”.

No sábado, 3 de outubro, às 18h, o próprio Guerra volta à Caixa Cultural para uma masterclass dedicada à construção artística e política da “Trilogia dos Fuzis”. A retrospectiva chega ao Rio depois de uma passagem por Curitiba, onde a Caixa já havia destacado que o cineasta permanece em atividade aos 95 anos. “Decidi que vou viver até os 117 anos. Até os 100 ainda quero fazer cinema. Depois disso pretendo voltar ao meu primeiro amor, que sempre foi a literatura.”

SERVIÇO

RETROSPECTIVA DE RUY GUERRA - UMA VIDA DE CINEMA

Caixa Cultural Rio de Janeiro (Rua do Passeio, 38, Centro) de 29/9 a 16/10*

Grátis, com ingressos retirados meia hora antes de cada sessão

*Não haverá sessões às segundas-feiras e em 9/10

O Evangelho segundo Cruise

Entre o delírio, o escárnio e o épico, 'Digger' chega às telas com a promessa de reinventar a carreira de um astro que é sinônimo de salas lotadas desde a década de 1980

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dirigido por Stanley Kubrick, Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, John Woo, Paul Thomas Anderson, Steven Spielberg e tantos outros gigantes em quatro décadas de uma carreira consagrada com a Palma de Ouro Honorária de Cannes, em 2022, Tom Cruise volta às telas na quinta-feira com "Digger". Fala-se em Oscar para o desempenho dele. Há quem fale num novo êxito de público e há quem arrisque a previsão de fiasco. O mexicano Alejandro González Iñárritu ("Babel") é o realizador dessa provocativa mistura de épico e de comédia.

Na trama, do qual pouco se sabe o homem mais poderoso do mundo, o tal Digger (Cruise), embarca em uma missão frenética para provar que é o salvador da humanidade antes que o desastre que ele mesmo provocou destrua o planeta. Cruise estrela o filme ao lado de Riz Ahmed, John Goodman, Sandra Hüller, Michael Stuhlbarg e Jesse Plemons. Sumido desde "Bardo" (2022), Iñárritu escreveu o roteiro ao lado dos vencedores do Oscar, Alexander Dinelaris e Nicolás Giacobone, e de Sabina Berman, a partir de um argumento dele e de Sabina Berman. O cineasta também assina a produção, em parceria com Mary Parent e seu astro-rei, com produção executiva de Joshua Grode.



Tom Cruise caracterizado como o matreiro velho de 'Digger'

“Me lembro que, aos 4 anos, eu já queria fazer filmes, pilotar aviões e viver aventuras. Era menino ainda quando comecei a escrever minhas primeiras histórias, já criando personagens”

TOM CRUISE

A equipe criativa inclui colaboradores de longa data do cineasta, como o diretor de fotografia Emmanuel Lubezki; os designers de produção Dennis Gassner e Richard Johnson; os editores Conor O'Neill e Stephen Mirrione; a figurinista Jacqueline West; o designer de maquiagem e cabelo Alessandro Bertolazzi; o designer de maquiagem protética Kazu Hiro; a diretora de elenco Francine Maisler e o compositor Cosmo Sheldrake.

As filmagens de "Digger" começaram em 7 de novembro de 2024, no Reino Unido, com Lubezki no obturador. Iñárritu optou por rodar o longa em película de 35mm, utilizando o formato VistaVision. A produção sofreu uma breve interrupção, de dois dias,

em março de 2025, quando John Goodman machucou o quadril e precisou ser hospitalizado. O trabalho no set chegou ao fim em 3 de maio de 2025, depois de seis meses de filmagens. Durante a produção, o projeto circulou sob o título provisório de "Judy". Ainda naquele mês, o diretor confirmou que seu novo longa seria uma comédia, registro pouco habitual em sua filmografia.

O título definitivo, "Digger", foi anunciado oficialmente em dezembro de 2025, acompanhado pela divulgação de um primeiro teaser de um minuto. Naquele mesmo mês, o jornalista Matt Belloni informou que a Warner Bros. havia dado sinal verde ao projeto com um orçamento de produção

de US\$ 125 milhões.

O investimento estaria alinhado à estratégia dos chefes da Warner, Michael De Luca e Pamela Abdy, de apostar em superproduções conduzidas por cineastas de forte assinatura autoral, sobretudo após a repercussão crítica alcançada em 2025 por "Pecadores" ("Sinners") e "Uma Batalha Após a Outra" ("One Battle After Another"). "Digger" coloca, assim, Iñárritu diante de uma escala industrial pouco comum mesmo para sua carreira, combinando um orçamento de blockbuster, a fotografia analógica de Lubezki e uma incursão declarada pela seara da ironia.

Cruise assumiu pra si a tarefa de não deixar as salas de cinema esvaziadas à sombra dos estragos culturais deixados pela pandemia. Aos 64 anos, ele faz de "Digger" a nova epístola de um evangelho para o regresso do público (em massa) às salas de projeção, apoiado num empenho de protagonizar sequências perigosas sem dublê e de produzir imagens que os fãs de filmes de ação nunca viram antes. Encantado pela Brasil, que tem visitado com frequência desde 2009, tornando-se praticamente "da casa", ele contou à Croisette, em 2022, ao exibir

o campeão de bilheteria "Top Gun: Maverick" as razões que o levam a desafiar a legislação da gravidade – e os limites da arrecadação na venda de ingresso.

"Eu me lembro que, aos 4 anos, eu já queria fazer filmes, pilotar aviões e viver aventuras. Era menino ainda quando comecei a escrever minhas primeiras histórias, já criando personagens. E, nessa época, adorava brincar escalando árvores bem altas", disse o ator, numa palestra em Cannes. "Trabalhei em muita coisa quando era menino, para ajudar a família. Cortei grama. Limpei neve. E a cada dinheiro que ganhava e economizava, tirava uma parte para gastar indo ao cinema".

Desde que fundou sua produtora, a Cruise/Wagner em meados dos anos 1990, hoje transformada numa outra razão social, Cruise configurou-se como um chamariz infalível e contínuo de grandes receitas a partir do êxito de "A Firma" (1993). Já havia brilhado antes, nos anos 1980, mas sempre à sombra de realizadores como Tony Scott, Ridley Scott e Oliver Stone. Na década de 1990, sobretudo depois de "Jerry Maguire – A Grande Virada" (1996), seu nome vira uma grife de Midas.

Seoju Park/Divulgação



“É fundamental fincar no palco a bandeira de um Brasil essencialmente livre das amarras de um dos períodos mais violentos da história recente do país”

JOÃO PESSANHA

Enzo Mothê e João Pessanha se conheceram na ACAI e já desnvilveram vários projetos desde então

Dois palhaços desenterram a ditadura

Premiado no Festival

Sated-RJ,

‘Colateral’, de Enzo Mothê e João Pessanha, leva os mambembes Vavá e Lulu ao Teatro Gonzaguinha

Nesta domingo (4) o Brasil vai às urnas. Nos três dias anteriores, os artistas mambembes Vavá e Lula - criados por Enzo Mothê e João Pessanha - ancoram sua caravana de praça em praça para revisar, em meio a festa democrática, os tristes episódios da ditadura militar brasileira e investigar a força da arte como resistência. “Colateral” chega à segunda temporada com quatro prêmios no currículo, entre eles o de Melhor Obra no Festival Sated-RJ.

A peça nasceu na CAL, Casa das Artes de Laranjeiras, a partir das

reflexões provocadas pelos 40 anos do fim do regime, completados em 2025. Naquele ano, o espetáculo ganhou uma curta temporada fora do âmbito acadêmico, no Teatro Cândido Mendes. Para os criadores, a reestreia de 2026 reafirma a importância da cultura na defesa da democracia.

“É fundamental fincar no palco a bandeira de um Brasil essencialmente livre das amarras de um dos períodos mais violentos da história recente do país”, diz João Pessanha. “Reafirmamos nossa peça como uma busca por um Brasil livre e poético. Essencialmente brasileiro. Um Brasil que não cabe no quintal de

nenhum país.”

O título condensa os sentidos que a palavra “colateral” acumula: os efeitos que a ditadura deixou na sociedade e que, segundo os artistas, ainda reverberam no presente; a dualidade entre drama e comédia; a dupla em cena; o encontro entre dois tempos, o passado e o presente. Na maquiagem dos personagens e na figura do palhaço e do bufão, uma camada a mais: o humor, em contraponto a uma narrativa marcada pela violência.

A música integra a dramaturgia. “A música entra em cena de forma vertebral”, explica Enzo Mothê. “Temos um sanfoneiro que introduz o tom popular do acordeon, costurando as transições e acompanhando as canções, que versam sobre resistência através da alegria e da solidariedade.” No repertório, canções conhecidas como “Tempo Rei”, de Gilberto Gil, e “Tareco e Mariola”,

samba de Norivelle Ribeiro eternizado por Elizeth Cardoso, além da autoral “Brilho de Cornalina”, escrita por Pessanha para a peça.

A dupla define seu trabalho como Teatro de Levante, conceito que parte da reflexão de Federico García Lorca sobre o teatro como “a poesia que se levanta das páginas e se faz humana” e o aproxima dos levantes populares e das demandas coletivas. A receita, contam os criadores, tem ingredientes declarados: “Um rocambole enformado por Bertolt Brecht, com massa feita pelo Teatro Vivo e Rueiro de Amir Haddad, recheado por Augusto Boal, confeitado pelo xamã miscelânico José Celso Martinez Corrêa e servido numa festa, onde o brasileiro encontra quem nunca devia ter perdido: o mais genuíno Brasil. Chegou a hora de realizar o Brasil! Através do Novo Teatro. O Teatro de Levante!”

A parceria também nasceu na CAL. Mothê e Pessanha se conheceram no primeiro período da escola e, em poucas semanas, já haviam firmado o acordo criativo. A primeira cena escrita a quatro mãos, “Política do Faz de Conta”, colocava Lobo Mau e Chapeuzinho Vermelho num debate eleitoral — prenúncio, se é que precisava de um. De lá para cá, foram 12 cenas curtas e oito prêmios, quatro deles por “Colateral”. Moradores da Zona Norte carioca — João, de Marechal Hermes; Enzo, da Vila da Penha —, os dois compartilham o desejo de oxigenar a cena teatral do Rio com uma abordagem multilinguística, em que diferentes linguagens artísticas se integram para contar novas histórias. Juntos, estiveram ainda em montagens como “Exilados” (direção de Fernando Bohrer), “Assim É, Se Lhe Parece” (Marcos França), “Bodas de Sangue” (Marcus Alvisi), “Sururu Armorial” (Adriana Maia) e “O Inspetor Geral” (João Batista).

Além de “Colateral”, a dupla circula “Improntidão” e desenvolve duas dramaturgias novas: uma farsa urbana e uma adaptação de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis.

SERVIÇO COLATERAL

Temporada: 1, 2 e 3 de outubro (quinta a sábado) | Horários: 19h
Endereço: Teatro Municipal Gonzaguinha — R. Benedito Hipólito, 125, Centro, Rio de Janeiro | Ingressos: R\$ 60 (inteira); R\$ 30 (meia)

EM CONCERTO

MARCUS VERAS



Divulgação

A OSB executa obras dos dois compositores em festival

A OSB e as paixões de Brahms e Schumann

O encontro artístico e pessoal entre dois grandes compositores é o mote do Festival Brahms-Schumann apresentado pela Orquestra Sinfônica Brasileira em outubro. O primeiro programa do ciclo será na Sala Cecília Meireles neste sábado (3) às 17h, e domingo (4) às 11h, com “Aber-tura Trágica” e as “Variações sobre um tema de Haydn” de Brahms, e “Sinfonia nº 4 em Ré menor, Op. 120”, de

Schumann, sob regência do maestro José Soares. Ingressos a partir de R\$ 20. Schumann foi o grande mentor e divulgador de Brahms e o saudou publicamente como herdeiro de Beethoven. O jovem tornou-se amigo dele e de sua esposa, Clara. Após a morte do amigo, Brahms manteve com ela uma relação profunda e ambígua, marcada por afeto e possível amor não consumado.

O palco é nosso

A Orquestra Sinfônica Juvenil Chiquinha Gonzaga se apresenta segunda-feira (5) às 19h, no Theatro Municipal, para comemorar seus cinco anos de trajetória, conquistas e transformações pela música. Dedicado à obra de Gilberto Gil, o espetáculo, sob regência da maestra Priscila Bomfim, conta com as participações de Flor Gil e de Toni Garrido, e do Coro Juvenil do Rio de Janeiro. Uma experiência sinfônica que reúne a obra de um de nossos maiores compositores à força de uma nova geração de jovens musicistas. Ingressos a partir de R\$ 10.

Eu recomendo

“A Afinação do Mundo”, de R. Murray Schaffer (Unesp) promove uma exploração pioneira da paisagem sonora; uma tentativa de descobrir como era ela no passado, de analisar e criticar o modo como ela é feita hoje e de imaginar como será no futuro. R\$ 59.

A música das urnas

No próximo domingo (4) teremos o Primeiro Movimento do Grande Concerto da Democracia. Que os candidatos que contemplem em seus programas de governo projetos reais para a educação e a cultura recebam o merecido reconhecimento dos eleitores em todo o país.

Mestres do jazz-fusion

O Festival do Rio exhibe o documentário “Flora e Airtó: o som revolucionário” de Jom Tob Azulay, sábado (3) às 16h, no Estação Claro Gávea 3 (Rua Marquês de São Vicente 52). Filmado durante uma gravação fonográfica, celebra a obra do casal que marcou o panorama da música mundial como pioneiros do jazz fusion, ao lado do amigo Sérgio Mendes (1941-2024).



Divulgação



Divulgação

Cruzar o mapa astral de Renato Russo com suas fases artísticas e a trajetória de sucesso da Legião Urbana levou a autora a conclusões bastante originais

O planeta que decifrou a Legião

Livro da astróloga e jornalista Mariana Candeias revisita a obra de Renato Russo por meio dos ciclos de Júpiter

AFFONSO NUNES

“A Tempestade ou O Livro dos Dias”, último disco da Legião Urbana, chegou às lojas em setembro de 1996. Renato Russo morreu em 11 de outubro do mesmo ano. O que quase ninguém percebeu é que o momento marcava também o início do terceiro ciclo de Júpiter do compositor. É por esse ponto de vista que se abre o livro “Renato Manfredini Júpiter – As Revoluções Solares do Líder Legionário”, que a editora Garota FM Books apresenta em sessões de lançamento no Rio será lançado na terça-feira (6) na livraria Janela do Jardim Botânico e dois dias depois Travessa de Pinheiros, em São Paulo.

Áries com ascendente em Peixes, Renato atravessou os primeiros 12 anos de Legião sob os auspícios do planeta regente: a banda estreou em disco em janeiro de 1986, ainda dentro do segundo retorno de Júpiter do cantor — uma espécie de renascimento, segundo a astrolo-

“Durante a pesquisa, me surpreendi por encontrar tantos sinais do mapa astral nos álbuns e vice-versa”

MARIANA CANDEIAS ‘PIKY’

gia, e para ele também. O último álbum, lançado quando o terceiro ciclo despontava, chegou antes do fim, que não deixou esperar.

Este é o argumento Mariana Candeias “Piky”, astróloga e jornalista conhecida no meio jornalístico como Piky e nas redes como Maga Astrológica. Fã da Legião desde os 11 anos, ela partiu de Júpiter — regente do ascendente de Russo — para mapear uma correspondência entre os retornos do planeta (que correspondem a

um ciclo de 12 anos) e a discografia gravada em igual período pela banda. A autora busca semelhanças entre os mapas astrológicos de Renato e o conteúdo de seus discos e da vida artística como um todo.

Para tanto, Piky mergulhou em fontes sobre a história da Legião e a biografia de Renato Russo, mas também em análises dos aspectos astrológicos de cada fase da vida do artista. A pesquisa nasceu acadêmica — como trabalho de conclusão publicado na biblioteca da escola de Astrologia Tradicional Saturnália, onde a autora estudou, além da formação em Tarô e Astrologia com Titi Vidal —, ganhou reforço de uma campanha de financiamento coletivo no Catarse e desembocou na edição pela Garota FM Books.

A experiência mudou a própria autora. “Acho que isso modificou minha visão sobre a astrologia. Durante a pesquisa, me surpreendi por encontrar tantos sinais do mapa astral nos álbuns e vice-versa”, conta.

Apesar do tema, o livro evita o mero exercício de decifração, já que o interesse da autora recai sobre a produção artística e não sobre questões pessoais. O resultado final, segundo a editora, o livro “é uma declaração de amor à banda ao mesmo tempo que uma leitura da Revolução Solar que foge do convencional, ao acolher a abrangência da astrologia como linguagem simbólica”.

A surpresa é garantida, segundo a autora, tanto para quem lê o céu quanto para quem canta as canções da Legião que, mesmo desfeita com a morte de seu líder, três décadas depois ainda é vista por muitos a maior banda de rock do país.

AFFONSO NUNES

Sem terem planejado nada, Adriana Calcanhotto e Arnaldo Antunes compuseram juntos o repertório inteiro de “Vice-Versa”, primeiro álbum da dupla, com dez inéditas e uma regravação. A turnê nacional desta dupla unida pela palavra tem datas confirmadas para 2027.

A sintonia entre Adriana, de 60 anos, e Arnaldo Antunes, de 66, sempre fez parecer que os dois fossem parceiros musicais de longa data, daqueles que já construíram uma obra consistente juntos. Não eram. Por aqueles mistérios da música, era difícil acreditar que nunca tinham gravado um disco — e a única canção conjunta dos dois era “Pra Lá”, de 2006, indicada ao Latin Grammy de Melhor Canção em Língua Portuguesa.

Vinte anos depois, veio a reparação. “Vice-Versa”, primeiro álbum da dupla, com dez faixas autorais compostas a quatro mãos e uma regravação, chegou de surpresa às plataformas de streaming no último dia 22, pela Universal Music Brasil. E, diferentemente daquela primeira parceria, que não nasceu de forma planejada, o disco novo foi carinhosamente planejado — começando pela história “culposa” de “Pra Lá”, como os dois contam divertidos: Adriana compôs uma melodia, passou para Dadi, e nunca mandou nada para Arnaldo. Tempos depois, fazendo seu show infantil “Partimpim”, em Lisboa, recebeu no camarim a visita inesperada de Arnaldo, com um anúncio mais inesperado ainda: ele queria mostrar a música que eles haviam feito em parceria. Ninguém sabe explicar como, mas a melodia que Adriana tinha dado a Dadi de alguma maneira tinha chegado até ele.

O caminho até “Vice-Versa” passou pelos encontros em shows, festivais, livros e conferências um do outro, revelando a partilha de uma linguagem, uma estética e uma ética semelhantes. Em 2024, os dois dividiram o palco no Coala Festival, em São Paulo, e dali saiu a vontade de prolongar aquele encontro. “Ficamos com vontade de ir para a estrada juntos, que é uma coisa que ainda não tínhamos feito. Aí pensamos: vamos fazer uma turnê, mas queremos compor para fazer uma turnê”, conta Adriana.

As trocas à distância deram lugar a encontros presenciais na casa de Arnaldo, em São Paulo, e na de Adriana, no Rio — e, no estúdio, a simbiose se confirmou: “Gravamos o disco todo em uma semana. As vozes, gravamos em um dia só, de manhã até de noite: uma depois da outra, cantando juntos. Cada um na sua salinha, mas dava para se ver pela janela. Foi incrível, nunca gravei tantas vozes no mes-



Arnaldo Antunes e Adriana Calcanhotto decidiram sair em turnê, para isso, julgaram ser necessário ter um repertório novo

O disco que faltava

Depois de três décadas de parcerias esporádicas, Adriana Calcanhotto e Arnaldo Antunes lançam o primeiro álbum em dupla, com repertório novo composto quase inteiramente do zero

“Ficamos com vontade de ir para a estrada juntos, que é uma coisa que ainda não tínhamos feito. Aí pensamos: vamos fazer uma turnê, mas queremos compor para fazer uma turnê”

ADRIANA CALCANHOTTO

“Gravamos o disco todo em uma semana. As vozes, gravamos em um dia só, de manhã até de noite: uma depois da outra, cantando juntos. Cada um na sua salinha, mas dava para se ver pela janela. Foi incrível, nunca gravei tantas vozes no mesmo dia

ARNALDO ANTUNES

mo dia”, lembra Arnaldo.

O nome do disco já diz quase tudo: duas palavras sonoras, quase rimadas, sintéticas, com sentido oposto e complementar. Vice-versa, segundo o dicionário, são in-

versos mútuos, numa contradição apenas aparente. A tradução aparece na única canção não cantada em uníssono, “Agora Juntos”: “lento e rápido”, “cais e caos”, “lixas e veludos”, “graves e agudos”, “claro e es-

curo”. Como pensar em um sem o outro? A mesma lógica rege a identidade visual criada por Daniela Thomas, responsável pela direção de arte dos clipes de cada faixa: preto e branco nos figurinos, jogos de espelhos, destaque igual para os dois. “Um é o espelho do outro. E tem essa coisa do feminino e do masculino, mas também não tem muita diferença. As personas deles não têm essa diferença de gênero muito marcadas”, descreve ela.

Atravessando o rock, o reggae, a MPB e o samba, o álbum reúne as melodias delicadas e intimistas de Adriana às letras poéticas de forte influência concretista de Arnaldo. No repertório, parcerias dos dois com Pupillo, da Nação Zumbi, em “Se For Pra Ser Agora” e “Contemplando a Folia”, e com Marisa Monte, em “Na Minha Carne Viva”, além da versão de “Sorriso Livro”, da Timbalada. Reunidas, as canções manifestam um ethos de insubmissão: a lixa e o veludo se raspando, em uníssono, criam uma sonoridade ao mesmo tempo tranquila e inquieta. “Todo mundo tá falando o que é melhor pra mim/ (...) / palpitando e dando ideia do que vai rolar/ (...) só eu sei o que eu

tô pensando/ quer estar no meu lugar/ vem entrar aqui na minha carne viva/ pra saber o que é melhor pra minha vida”. A afirmação de autonomia se repete no apelo à introspecção de “Também Capaz”, na queixa contra a violência de “As Bancas de Jornais”, no desejo de transbordamento de “Contemplando a Folia” e nas reivindicações de “Não Me Dão”.

Cantando juntos, Adriana e Arnaldo dão voz a um sujeito que atravessa o disco inteiro e que habita igualmente os arranjos equilibrados. Um sujeito que, mesmo insatisfeito com o estado geral das coisas, não deixa de amar, de se encantar e de provocar encanto.

Nas enumerações e repetições de “Na Minha Carne Viva”, “Também Capaz”, “As Bancas de Jornais”, “Não Me Dão” e “Não Me Deu”, expressa-se o choque do excesso: de informações, de opiniões, de violência e de coisas. O “você” de “Também Capaz” é chamado a “olhar pra dentro/ por um momento só/ estar consigo a sós/ fechar os olhos/ e respirar/ experimentar a paz” — uma paz que, longe de isolar, vem da consciência de ser um sujeito ativo e autônomo. Um sujeito capaz. Desse “lá” que vem de “a montanha insiste em ficar lá, parada”, de 2006, até o disco que chega agora, a estrela que guia os dois traz a força transformadora da canção - pela alegria, revolta, consciência e simpatia. Canções sofisticadamente simples, tornando pop a elegância, a precisão e a generosidade.

A memória em obras

Exposição reabre a Galeria Mello Franco, do MNBA, com 68 obras novas em seu acervo

Vicente de Mello/Divulgação



Anna Bela Geiger - Sobre Nácar

AFFONSO NUNES

A Galeria Rodrigo Mello Franco, do Museu Nacional de Belas Artes, esteve fechada desde março de 2020. Na sexta-feira, 18 de setembro, às 11h, ela reabre com “O Futuro da Memória”, mostra que apresenta um recorte das novas aquisições incorporadas ao acervo do instituto — mais uma etapa na reabertura em fluxos dos espaços do MNBA/Ibram.

Em seus mais de 350 m², estarão em exibição cerca de 68 obras que traduzem o compromisso do museu com a renovação, a ampliação e a atualização de sua coleção pública. Pinturas, desenhos, esculturas, fotografias e cerâmicas propõem, entre outras leituras, uma reflexão sobre quem somos enquanto sociedade — com a pluralidade e a inclusão de questões de raça, gênero, território e identidade como bússola.

A mostra está organizada em quatro núcleos. “Rostos: diversidade em questão” remete às nossas origens; “Êxtase e loucura” questiona certezas e abre espaço para as dúvidas; “A cruz e a lança” acende velas para a nossa diversidade religiosa e envereda pelo terreiro do reconhecimento e da exclusão de crenças; e “Tradição em disputa” promove o diálogo entre o passado — que situa o acervo do século 19 do MNBA como referência nacional — e o contemporâneo, no qual a coleção segue em expansão.

Nesse desenho, o público vai



Anish Kapoor - Sem Título

encontrar obras de Henrique Bernardelli, Di Cavalcanti, Eugênio Sigaud, Bené Fonteles, Rafa Bqueer, Djanira, Sergio Camargo, Edivan Alves, Anna Bella Geiger, José Joaquim da Rocha, Siron Franco, Moara Tupinambá, Rubem Valentim, Daniel Senise e Mario Cravo Neto, entre outros.

O panorama reflete uma abrangência artística moderna e contemporânea sem fronteiras — e

inclui uma monumental escultura do indo-britânico Anish Kapoor (1954), a única do artista em acervo público no Brasil. Ao longo do tempo, haverá trocas: algumas obras sairão e novas doações entrarão na exposição.

Numa homenagem especial, obras de Carlos Zílio, recentemente doadas, ganham uma sala só para si. A sala busca traçar uma perspectiva temporal, conceitual e meto-



Sérgio de Camargo - Sem Título



Carlos Zílio - Centro (2004)

dológica do artista carioca cujos trabalhos marcam a arte brasileira recente.

“Pensar, de forma prospectiva, sobre o que será a memória das artes ou, melhor, o acervo de um museu público no país é diagnosticar as inúmeras disputas e experimentações que atravessam o campo das artes visuais”, destaca o texto da curadoria assinado por Felipe Scovino e Maria De Simone, ressaltando

a necessidade de “debater os dilemas de uma sociedade que pleiteia a igualdade de direitos e a diversidade em suas diferentes esferas.”

SERVIÇO

O FUTURO DA MEMÓRIA

Galeria Mello Franco - Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199 - Centro) Até 19/12, de terça a sábado (11h às 17h) | Grátis